

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 2 (2022)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Cidade, sociabilidade gay e afeminação: uma experiência interseccional

*Ciudad, sociabilidad gay y afeminamiento: una
experiencia interseccional*

*City, gay sociability and effeminacy: an intersectional
experience*

Victor Hugo Belarmino

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -
Brasil
victorbelarmino@outlook.com

Magda Dimenstein

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -
Brasil
mgdimenstein@gmail.com

Jáder Ferreira Leite

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -
Brasil
jaderfleite@gmail.com

Como citar este artigo:

BELARMINO, Victor Hugo; DIMENSTEIN, Magda;
LEITE, Jáder Ferreira. Cidade, sociabilidade gay e
afeminação: uma experiência interseccional. **Revista
Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n.
2, p. 100-120, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Cidade, sociabilidade gay e afeminação: uma experiência interseccional

Ciudad, sociabilidad gay y afeminamiento: una experiencia interseccional

City, gay sociability and effeminacy: an intersectional experience

Resumo

Este artigo pretende analisar a experiência urbana gay afeminada, dando especial atenção às particularidades de tais vivências, enfrentamentos e disputas pelos espaços da cidade. Aplicou-se um formulário eletrônico junto a 240 homens gays cisgêneros e foram realizadas 8 entrevistas semiestruturadas com 8 homens gays dessa amostra, autodeclarados afeminados. Encontrou-se que gays afeminados, pobres, negros, periféricos e jovens experienciam maior grau de vulnerabilidade nos encontros com a/cidade e vivenciam a cidade de forma mais negativa e temerosa, sobretudo nos espaços públicos. Esses dados reforçam a importância da lente interseccional e dos marcadores da diferença na compreensão da experiência urbana gay.

Palavras-Chave: Cidade; Sociabilidade Gay; Afeminação; Experiência Urbana; Interseccionalidade.

Resumen

Este artículo analiza la experiencia urbana gay afeminada, poniendo especial atención a las particularidades de tales experiencias, enfrentamientos y disputas por los espacios de la ciudad. Se aplicó un formulario electrónico a 240 hombres homosexuales cisgénero y se realizaron 8 entrevistas semiestruturadas con 8 hombres homosexuales de esta muestra, que se declararon afeminados. Se constató que los gays afeminados, pobres, negros, periféricos y jóvenes experimentan un mayor grado de vulnerabilidad en los encuentros con/en la ciudad y viven la ciudad de forma más negativa y temerosa, especialmente en los espacios públicos. Estos datos refuerzan la importancia de la lente interseccional y los marcadores de diferencia en la comprensión de la experiencia urbana gay.

Palabras-Clave: Ciudad; Sociabilidad gay; Afeminación; Experiencia Urbana; Interseccionalidad.

Abstract

This article proposes an analysis of the effeminate gay urban experience, paying special attention to the particularities of such experiences, confrontations, and disputes over city spaces. Data was collected using an electronic form that was filled in by 240 cisgender gay men and 8 semi-structured interviews with 8 self-declared effeminate gay men. Our results showed that effeminate, poor, black, peripheral and young gays experience a greater degree of vulnerability in encounters with/in the city and experience the city in a more negative and fearful way, especially in public spaces. These data reinforce the importance of the intersectional lens and the markers of difference in understanding this phenomenon.

Keywords: City; Gay sociability; Effeminacy; Urban Experience; Intersectionality.

Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein, Jáder Ferreira Leite



Introdução

A sociabilidade consiste em um componente fundamental da experiência urbana gay. Enquanto fenômeno antropológico complexo, diz respeito à diversidade das interações sociais estabelecidas, aos modos de convivência e de relação com os espaços da cidade, resultando em diferentes perfis constituídos por redes e significações compartilhadas no cotidiano. De acordo com Toledo e Souza (2020), o conceito de sociabilidade aponta necessariamente para dinâmicas de alteridades, para confrontos e enfrentamentos relativos aos mecanismos de enquadramento e de normatização dos corpos, bem como à mútua afetação entre corpo e cidade.

Abordar as sociabilidades gays não se refere aos encontros mediados unicamente com o intuito de praticar sexo, mas a partir de uma pluralidade de possibilidades com propósitos igualmente diversos que envolvem relações de amizade, encontros afetivo-românticos, movimentos micropolíticos de (auto)afirmação e de expressão de si. A criação de laços de sociabilidade, por vezes iniciada através de um interesse afetivo-sexual, não se restringe a tal. Os encontros gays na cidade devem ser vistos de forma mais ampliada, enquanto investimentos coletivos, plurais e afetivos, produtores de laços de pertencimento (MARTINS; TONELI; BEIRAS, 2016; NOGUEIRA, 2019; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015; POCAHY; CARPENEDO, 2012; RIOS, 2008; SILVA; DUARTE; NETTO, 2017). Para Ribeiro (2016), homens gays encontram nesses espaços compartilhados uma rede de solidariedade e a possibilidade de trocar experiências, de externar preconceitos sofridos e de ter acesso a acontecimentos e experiências de outros indivíduos com histórias semelhantes.

A literatura científica voltada ao estudo das sociabilidades gays, em geral, concentra-se nos aspectos interacionais entre os corpos situados em um determinado espaço – os sistemas de códigos utilizados, comportamentos, regras e normas que organizam as relações entre os indivíduos (BELARMINO; DIMENSTEIN, 2021). Contudo, pouca atenção é dada a aspectos fundamentais das sociabilidades gays que tratam das “ferramentas que consolidam e sustentam a governança da precarização e da distribuição da desigualdade nos distintos territórios das cidades” (SANDRI, 2021, p. 18).

Esses mecanismos reverberam na facilidade/dificuldade de circulação pela cidade, nos desafios em realizar certos trajetos, no padrão de mobilidade urbana e no grau de acessibilidade entre os lugares de encontro, de trabalho e de moradia. Isso se evidencia, sobretudo, ao associar essas ferramentas à perspectiva interseccional e aos marcadores sociais da diferença, em particular, à sexualidade, raça/etnia e classe social, aspectos esses que não podem ser desconsiderados (COLLING, 2022).

Neste sentido, são dimensões que permitem problematizar a experiência urbana e a organização da cidade contemporânea, na medida em que os espaços urbanos podem se abrir ou fechar-se para as diferentes trajetórias de diferentes grupos sociais, bem como acolher ou rechaçar distintas experiências, mostrando a clara associação entre a produção de subjetividades e a produção dos lugares (RIBEIRO, 2016). Em razão disso, propomo-nos a discutir a

experiência urbana de homens gays afeminados, analisando como os marcadores sociais da diferença e o fato de serem afeminados reverberam nas suas vivências nos espaços, nos modos de sociabilidade e na circulação pela cidade.

Para compreender a heterogeneidade e assimetrias que marcam as experiências urbanas dos grupos sociais, em particular, de homens gays afeminados, dois conceitos se fazem importantes aos propósitos desse artigo: o de interseccionalidade e o de homonormatividade. A interseccionalidade é um operador conceitual inicialmente gestado dentro do feminismo negro para indicar o cruzamento das múltiplas opressões sofridas pelas mulheres de diferentes posições sociais (CRENSHAW, 2002), operador esse que se expande e torna-se potente nas análises de outros modos de opressão vivenciados com base no sistema de sexo-gênero, os quais atingem sujeitos desviantes das normas estabelecidas socialmente. O empréstimo desse conceito para pensar as hierarquias e opressões sofridas por homens gays se justifica uma vez que a sexualidade, tal como o gênero, é socialmente engendrada segundo a “matriz de inteligibilidade heterossexual” (BUTLER, 2003, p. 216), que se pauta numa suposta coerência sistemática e linear entre sexo, orientação sexual e desejo.

Tal matriz se articula a diferentes marcadores como raça e classe e, uma vez desestabilizada, coloca as sociabilidades homossexuais em posições marginais diante dos padrões de convivência social mais hegemônicos, gerando, inclusive, uma profunda estigmatização dos espaços da cidade frequentados por esses sujeitos (RIBEIRO, 2015). Consoante a Miskolci (2009), o fortalecimento da perspectiva interseccional para pensar a experiência gay se dá por meio da aliança entre os Estudos Pós-Coloniais e a Teoria Queer, consolidando o nó analítico sexualidade-raça: “a matriz essencializadora e subalternizante estaria na conexão raça-sexualidade, um nó que evidencia um mesmo processo normalizador que cria seres considerados menos humanos, em suma, abjetos” (MISKOLCI, 2009, p. 161).

Trazer esse conceito para pensar a experiência urbana de homens gays exige incluir nesse nó conceitual questões outras como as performatividades sexuais e a experiência espacial desses sujeitos, visto que os ambientes que compõem a vivência dos homens gays são lugares que têm, em suas constituições, relações de poder, fruto de hegemonias identitárias, resultado de diversos mecanismos de poder (HANKE, 2016). Por “performatividade”, compreende-se o caráter processual, desnaturalizado e descontínuo na produção das identidades sexuais e de gênero, as quais, através de atos e estilizações repetidas, produzem no corpo a aparência de algo fixo e imutável, mas que, na verdade, são artefatos (BUTLER, 2003). O conceito de performatividade é especialmente proveitoso para discutir as experiências gays afeminadas, visto que estas tensionam, a todo momento, as fronteiras entre a masculinidade e a feminilidade.

Já o operador conceitual homonormatividade, consiste em uma “modalidade particular da heteronormatividade, através da qual mostra como a população gay e lésbica se torna aceitável aos olhos da heterossexualidade hegemônica através de uma progressiva conformidade à heteronormatividade” (OLIVEIRA, 2013, p. 69). Segundo o autor, em uma sociedade que se volta para o consumo, circunscrevendo-se na égide neoliberal, de despolitização das

necessidades e reivindicações das minorias sexuais e de reforço ao binarismo de gênero, introduz dentro da própria comunidade gay hierarquizações e graus de aceitabilidade e de conformidade dos corpos às normas de gênero. Desse modo, a afeminação em homens gays se mostra um duplo fator de abjeção, visto que seja para o padrão heteronormativo, seja para o padrão homonormativo, gays afeminados não se encaixam e mostram-se incompatíveis à heterossexualidade compulsória que organiza, também, as sociabilidades gays:

a heterossexualidade compulsória não se refere diretamente a questões relativas às práticas sexuais, sugerindo assim que nós, compulsoriamente, sejamos heterossexuais. O alvo da matriz heteronormativa é, na verdade, manter o sexo heterogêneo, ou seja, separado em duas formas que se diferenciam substancialmente (BROSIN; TOKARSKI, 2017, p. 106).

Portanto, partindo desse campo problemático e de tais operadores conceituais, nos propomos a analisar a experiência urbana gay afeminada, dando especial atenção às particularidades de tais vivências, enfrentamentos e disputas pelos espaços da cidade.

Método

Este artigo é fruto de um doutorado em andamento que procura investigar a experiência urbana gay afeminada e se insere em um dos eixos da pesquisa – as sociabilidades. Seguindo o critério de conveniência, definiu-se a capital Natal e região metropolitana como lócus de realização da pesquisa. A proposta inicial, que pretendia assumir caráter exploratório e etnográfico, necessitou adequar-se à realidade de intenso confinamento social trazida pela pandemia da Covid-19 no Brasil, e passou a adotar estratégias remotas de produção dos dados. Mesmo adotando o formato remoto, o que permitia ampliar a abrangência dos sujeitos alcançados pela pesquisa para outras cidades do Brasil, decidiu-se manter a circunscrição territorial originalmente pensada, visto que tal recorte poderia refletir com maior acuidade a realidade de determinados sujeitos espacialmente situados – o que, obviamente, não inviabilizaria articular, a partir de tais dados, outros contextos com recorte semelhante.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em formulário online, aplicado por meio do *Google Forms*, em 2020. Este formulário online estava composto por perguntas de múltipla escolha, organizadas em blocos de questões que exploravam o perfil dos respondentes, o cotidiano, as sociabilidades e os impactos da pandemia. Para o recorte desse artigo, deteve-se no bloco de questões relativo às sociabilidades a ao perfil dos respondentes. O recrutamento dos participantes, na primeira etapa, deu-se pela divulgação da pesquisa nas redes sociais do pesquisador, tais como Instagram e *Whatsapp*, mas principalmente nas maiores comunidades do *Facebook* e do *Twitter* voltadas para o público gay na cidade de Natal – capital do estado do Rio Grande do Norte, situado no nordeste brasileiro – durante os meses de

novembro a dezembro de 2020, período em que se alcançou um total de 240 respondentes, quantitativo satisfatório e suficiente aos propósitos da pesquisa. Ter mais de 18 anos, residir na capital ou região metropolitana e identificar-se gay foram os critérios de inclusão adotados.

Partindo da categoria “afeminado” como fundamental às análises propostas nesse artigo, analisou-se os sujeitos que se identificam mais e os que se identificam menos com esse atributo. As análises comparativas partem da afirmação “Eu me considero ‘afeminado’, apresento ‘trejeitos’ e/ou estilos considerados femininos”. Desse modo, dentre os 240 participantes, 72 participantes constituíram o grupo que se identificavam em algum nível como afeminados e 89 como não-afeminados.

Os dados desse Formulário foram codificados, categorizados e armazenados em um banco de dados, utilizando-se o *Statistical Package for the Social Sciences*, vigésima terceira versão (SPSS-23), de onde provêm as análises descritivas apontadas no texto. A escolha pela não utilização de testes estatísticos na análise quantitativa se justifica por dois motivos principais: primeiro, pela homogeneidade da amostra alcançada – predominantemente de adultos-jovens, com elevada escolaridade e baixa renda –o que dificultou análises bivariadas consistentes, mas, sobretudo, porque se tornava mais preciso e enfático nos dados qualitativos as nuances parcialmente sinalizadas pelas análises descritivas.

A segunda etapa compreende a etapa qualitativa da pesquisa, a qual consistiu em 08 entrevistas com homens gays autoidentificados afeminados, realizadas e gravadas de forma virtual, por meio do *Google Meet*. Essas entrevistas tiveram duração aproximada de uma hora e exploraram, além de questões relativas aos eixos do cotidiano e dos impactos da pandemia – que não constituem o foco desse artigo – os aspectos relacionados à sociabilidade com outros gays. O tratamento dos dados qualitativos foi feito a partir da modalidade de Análise Temática (SOUZA, 2019a), procedendo os seguintes passos: familiarização com os dados, codificação dos dados, busca e revisão dos temas à luz da literatura especializada, consolidação dos temas e dissertação dos resultados. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CAAE: 38143220.7.0000.5537).

Resultados

Responderam ao questionário online 240 homens que se auto identificavam como gays. Em relação à idade, variou entre 18 e 53 anos, decupadas nas faixas entre 18 a 28 anos (n = 192; 80%), 29 a 39 anos (n = 43; 17,9%) e acima de 40 anos (n = 5; 2,1%). São brancos (n = 113; 47,1%), pardos (n = 86; 35,8%), pretos (n = 36; 15%), indígenas (n = 4; 1,7%) e amarelos (n = 1; 0,4%). A respeito do status de relacionamento, são solteiros (n = 165; 68,8%), namorando (n = 66; 27,5%) e casados (n = 9; 3,8%). Afirmam-se ateus (n = 140; 58,3%), católicos (n = 54; 22,5%), espíritas (n = 15; 6,3%), evangélicos (n = 13; 5,4%), adeptos de religiões de matriz africana (n = 9; 3,8%), e outros (n = 9; 3,8%). Apresentam ensino superior completo ou incompleto (n = 137; 57,1%), pós-graduação concluída ou em andamento (n = 52; 21,7%), ensino

médio completo ou incompleto (n = 50; 20,8%) e ensino fundamental completo ou incompleto (n = 1; 0,4%). Possuem renda per capita de até um salário-mínimo (n = 114; 47,5%), de 1 a 2 salários-mínimos (n = 78; 31,7%), de 2 a 4 salários-mínimos (n = 34; 14,2%), e mais de 4 salários-mínimos (n = 16; 6,7%). Os participantes abrangeram 33 bairros da capital e quatro municípios da região metropolitana, assim distribuídos: 30,8% na Zona Sul (n = 74), 21,3% na Zona Norte (n = 51), 15,4% na Zona Oeste (n = 37), 9,2% na Zona Leste (n = 22), e 23,3% na região metropolitana (n = 56). Em síntese, na sua maioria, são jovens, solteiros, com elevada escolaridade e baixa renda, brancos, ateus e moradores da Zona Sul – região que registra os melhores indicadores socioeconômicos da cidade.

No geral, os espaços urbanos mais utilizados para socializar foram: praia (n = 173; 72,1%), *shopping* (n = 168; 70%), boate (n = 163; 67,9%), bar (n = 151; 62,9%), e escola/universidade (n = 149; 62,1%). Dentre os espaços públicos, o uso de escola/universidade aumenta conforme a renda e a idade diminuem. O uso de *shopping* é mais comum a gays mais jovens; bar é menos usado por gays mais jovens e solteiros, e mais usado conforme se eleva a escolaridade e a renda; a própria casa, por sua vez, é frequente aos casados e maiores de 40 anos.

Acerca da acessibilidade entre os locais de encontro e o lugar de moradia, a maioria afirmou ser acessível (n = 154; 64,2%). Ainda assim, mostram-se mais acessíveis para moradores da Zona Sul/Leste e para os que possuem maior renda. Dentre os que afirmaram não ser acessível, os motivos mais evidenciados foram: distância de onde mora (n = 57; 66,3%), falta de dinheiro (n = 43; 50%), e ausência de transporte público (n = 24; 27,9%). Solteiros são os que mais referem não possuir dinheiro e ficar distante de onde reside. Ademais, moradores das regiões oeste, norte e região metropolitana são os que mais referem nem sempre ter dinheiro e morar distante desses lugares de encontros gays. Por último, nem sempre ter dinheiro é uma realidade aos que possuem menor renda.

Geralmente, costumam utilizar ônibus (n = 189; 78,8%) e uber/táxi (n = 166; 69,2%) para chegar aos locais. O uso de veículos particulares associa-se a ser não-afeminado, apresentar mais idade, ser casado, elevado nível de instrução e maior renda. Os transportes públicos, por sua vez, são mais frequentes entre gays afeminados, solteiros, com menor escolaridade e menor renda.

Apesar de os espaços de homossociabilidade gay na cidade serem considerados acessíveis em sua maioria, ainda assim, mostram-se mais acessíveis a não-afeminados (n = 62; 69,7%), do que a afeminados (n = 40; 55,6%). Gays afeminados usualmente dependem de ônibus para chegar a esses locais (n = 65; 90,3%), percentual maior em relação aos não-afeminados (n = 64; 71,9%). Por esse motivo, a limitação de transporte público em determinados períodos e circuitos da cidade é uma dificuldade mais vivenciada por afeminados (n = 26; 36,1%) do que por não-afeminados (n = 23; 25,8%). Também se verificou maior uso de carro/moto próprios entre não-afeminados (n = 26; 29,2%), em relação aos afeminados (n = 13; 18,1%).

Portanto, retornar desses lugares de sociabilidade gay para casa é

considerado mais perigoso (n = 110; 45,8%), uma vez que são distantes do local de moradia (n = 91; 37,9%) e não há transporte público disponível (n = 82; 34,2%). Para 31,7% (n = 76) dos participantes, não há diferença entre a ida e a volta desses lugares. Considera-se mais distante do lugar de moradia para residentes da Zona Norte, Oeste e região metropolitana e a dificuldade por ausência de transporte público é mais evidenciada por pessoas com até 2 salários-mínimos.

Voltar para casa desses espaços é mais perigoso entre pessoas afeminadas (n = 35; 48,6%) do que entre não-afeminadas (n = 33; 37,1%), afeminados consideram mais distante de sua casa esses deslocamentos (n = 31; 43,1%), em comparação aos não-afeminados (n = 28; 31,5%). Para 43,8% (n = 39) dos não-afeminados, não se nota diferença entre a ida e a volta, percentual que cai para 23,6% (n = 17) entre os participantes afeminados.

Espaços mais frequentemente associados ao desconforto para demonstrar carinho/afeto com o parceiro fixo/casual foram: rua (n = 197; 82,1%), *shopping* (n = 147; 61,3%) e praça (n = 132; 55%). Comparativamente entre afeminados e não-afeminados, a rua é mais desconfortável para afeminados. Os demais espaços são mais negativados por não-afeminados.

Costumam socializar com outros gays à noite (n = 172; 71,7%). Por um lado, situações que geram insegurança consistem em sofrer agressões/violências (n = 186; 77,5%), assalto (n = 152; 63,3%), julgamentos (n = 100; 41,7%), ser visto por conhecidos ou familiares (n = 64; 26,7%) e ser revistado pela polícia (n = 45; 18,8%). O medo de ser revistado pela polícia é mais frequente a pretos, e menos frequente a brancos; e ser visto por conhecidos ou familiares, mais evidenciado por solteiros e pelos que possuem até 1 salário-mínimo. Ser visto pela família e sofrer julgamentos foram mais apontados por não-afeminados; já, sofrer agressão, assalto e ser revistado pela polícia foram mais frequentes entre afeminados.

Por outro lado, atrativos que facilitam a permanência nesses espaços consistem em ser frequentado por outros gays (n = 191; 79,6%), sensação de segurança (n = 159; 66,3%), possibilidade de comprar ou consumir coisas (n = 152; 63,3%), tocar música (n = 150; 62,5%), permitir dançar (n = 126; 52,5%) e ser reservado (n = 90; 40%). Entre os afeminados, espaços mais atrativos são aqueles frequentados por outros gays, nos quais podem dançar e há música, bem como favorecer algum nível de consumo. Já aos não-afeminados, ser reservado e seguro são os principais aspectos observados.

A partir desses resultados quantitativos, observa-se que determinadas variáveis “conversam” mais entre si do que outras; essas aproximações foram organizadas em dois conjuntos (Tabela 1): Conjunto I – espaços privados em que é necessário pagar/consumir para acessar e permanecer atraem um público gay mais velho, mais masculinizado, mais branco, com mais renda e moradores de regiões mais centrais da cidade; Conjunto II – espaços públicos e privados em que não há necessidade de pagar/consumir para acessar e permanecer, ainda que se voltem para o consumo (como é o caso dos *shoppings centers*), atraem um público gay mais jovem, mais afeminado, mais negro, mais pobre e mais periférico.



Tabela 1 – Síntese dos resultados quantitativos agregados por aproximações entre as categorias

Conjunto I	Conjunto II
Espaços privados “pagos”	Espaços privados “não-pagos” e Espaços públicos
Mais velhos	Mais jovens
Maior renda	Menor renda
Zona Leste e Sul	Zona Norte, Oeste e Região Metropolitana
Casados	Solteiros
Branco	Pardos/pretos
Não-afeminados	Afeminados
Maior acessibilidade e comodidade na mobilidade	Menor acessibilidade e comodidade na Mobilidade
Deslocamento menos arriscado	Deslocamento mais perigoso
Medo de serem vistos e julgados	Medo de serem agredidos, assaltados e revistados pela polícia
Privilegiam segurança e privacidade	Privilegiam espaços frequentados por outros gays, dançar, consumir e tocar música

Fonte: O autor..

Os dados das entrevistas com os 8 sujeitos autoidentificados afeminados confirmam que o grau de facilidade/dificuldade na mobilidade urbana é um importante fator na escolha dos espaços de socialização. A noite é o período do dia que apontam geralmente socializar com outros gays – período esse que dimensionam como o mais perigoso para circular pela cidade. Nesse sentido, usar *uber/táxi* foi associado à maior segurança nesses deslocamentos – apesar de ser um recurso quase nunca acessível aos participantes, pelo elevado custo, em relação a sua realidade socioeconômica. Por esse motivo, privilegiam encontrar-se em espaços que já frequentam habitualmente – tais como escola/universidade, própria casa/de amigos e praia –, ou espaços que demandem menor esforço e recurso para chegarem – um “centro”, como foram mencionados o *shopping* e a praça. Outros espaços urbanos, tais como festa, bar e boate exigem a realização de um cálculo mais minucioso para acessar e permanecer nesses espaços, sobretudo para aqueles que residem em bairros periféricos da cidade.

É horrível, o último ônibus que eu posso pegar pra vir pra cá [casa] é de 21:30 da noite. É totalmente inacessível, é muito ruim vir pra cá.

Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein, Jáder Ferreira Leite



Pra qualquer canto que eu precise ir, eu preciso pegar dois ônibus, e o primeiro ônibus que eu pego aqui na principal, tem vezes que demora uma hora ou mais pra passar. É imprevisível, o ônibus demora muito, o pessoal não quer vir deixar aqui – Uber, essas coisas – não quer vir deixar porque acha longe e perigoso (Entrevistado 8, 24 anos, branco, Técnico de Informática).

Como boa parte dos entrevistados ainda estuda, a escola/universidade representa um espaço da cidade bastante utilizado para encontrar-se e ficar com outros gays, visto que permite distanciar-se da própria casa e, evitando atritos familiares. São lugares em que existem diversos espaços de convivência, disponibilidade de assentos, cantinas e proteção de sol/chuva – aspectos esses que geram algum nível de comodidade. Ademais, a escola/universidade congregam diferentes graus de mobilização política dos professores e estudantes, mobilização essa que favorece o respeito à diversidade e germina a cultura da tolerância nestas instituições.

Por mais que não esteja em período de aula, os espaços sociais da UFRN são muito bons. Ali por trás do setor 5, aquele gramado é muito bom. Tem ‘Paris’, entre o Setor 1 e o DECOM. A pracinha do Setor 4. Então assim, os espaços de convivência da UFRN são muito confortáveis, ainda mais pra quem já é aluno, já está dentro da universidade e não precisa se deslocar (Entrevistado 7, 28 anos, pardo, estudante).

Quando moram com a família, a própria casa raramente ou nunca é utilizada como ponto de encontro, visto que não possuem privacidade e necessitam manejar a passabilidade na família e, inclusive no entorno de onde moram – aspecto esse observado tanto para quem é abertamente assumido quanto para quem não se assumiu para a família. Por esse motivo, procuram outros espaços da cidade para socializar.

Porque minha forma de me expressar visualmente, minha expressão de gênero. A forma como eu me visto. Aqui no meu bairro eu procuro ser mais discretinho. Mas quando eu não estou aqui, eu boto a Beyoncé no fone de ouvido e eu saio a gay linda e maravilhosa com a autoestima lá em cima (Entrevistado 5, 18 anos, preto, Estudante).

No entanto, os espaços públicos da cidade são considerados desfavoráveis à demonstração de afetos e cenário de vulnerabilidade à violência, o que resulta na situação de medo ao percorrer e permanecer nesses espaços, tanto sozinho quanto acompanhado pelo parceiro. Sobretudo a rua gera receio de sofrerem assalto, porém ainda mais medo de sofrerem homofobia. Isso se acentua quando as ruas se encontram “vazias”, aumentando, assim, a insegurança nesses espaços e a impossibilidade de conseguirem apoio/ajuda em uma situação de risco.

Normalmente, quando eu vejo que o ambiente tá muito vazio, aí eu tendo a ter mais receio, porque se for acontecer alguma coisa as

chances de eu pedir ajuda é menor. O shopping é um canto que eu me sinto acanhado, mas é onde eu me sinto bem à vontade, porque está sempre cheio. Se for acontecer algo, eu sinto que tenho mais chance de encontrar apoio, até porque o público do shopping é bem diversificado e penso que talvez alguém pudesse me ajudar, se precisar. Mas, isso não acontece com rua, por exemplo, porque nem sempre tem muita gente e nossas [ele e o namorado] situações mais complicadas foram na rua e a gente nunca achou nenhum apoio. As pessoas não costumam parar pra ajudar (Entrevistado 6, 20 anos, pardo, Estudante).

A praça foi um espaço da cidade significada pelos participantes como um “centro”, que atrai diversos frequentadores LGBTQIA+. É nesse espaço que territórios se formam entre as minorias sexuais, permitindo florescer ocupações transitórias e coletividades breves. Alguns dos aspectos positivos atribuídos a esse espaço têm a ver com a sensação de segurança e acolhimento, os quais somente emergem na presença de outras pessoas LGBTQIA+. No entanto, são frequentes os embates entre os moradores do entorno e esses frequentadores pendulares, conflitos que, não raramente, envolvem discursos transfóbicos e antidrogas como justificativa para sua gradativa expulsão. A polícia e os seguranças locais são os agentes que, diretamente, são incumbidos da vigilância desses locais e operam ameaçando sua existência nas praças da cidade. Uma vez esvaziada, a praça torna-se mais um espaço urbano público em que o medo em estar/permanecer está associado ao risco de serem alvos de violência e de assalto.

Eu soube que tinha gente ‘importante’, que morava nas casas ao redor da praça, e chegou num momento que essas pessoas se sentiram incomodadas com os gays lá, se beijando, ficando, bebendo, conversando, escutando música, o que fosse. As pessoas que moravam naquelas casas não gostavam desse tipo de coisa, e começaram a ficar pressionando a polícia pra ficar batendo lá, e tendo apreensão, baculejo [revista policial], esse tipo de coisa. No fim acabou por conta disso, da pressão dessas pessoas que moravam lá. Inclusive, aconteceu de, numa dessas vezes que eu fui, de ter batida da polícia, e eles foram agressivos, mal educados – se bem que isso já é um comportamento esperado da polícia, né? Mas eles foram mais ainda. Ai o pessoal foi se dispersando, deixando de ir pra lá por conta disso. Ali era rodeado de casas de ‘gente burguesa’, então era esperado que isso fosse acontecer (Entrevistado 8, 24 anos, branco, Técnico de Informática).

Uma vez que o lócus da pesquisa se situa em uma região litorânea, a praia também foi referenciada pelos participantes como um espaço público utilizado para socializar com outros gays. Considera-se a praia enquanto ponto de encontro casual e que no atual período pandêmico, de necessidade de distanciamento social, representa um espaço aberto e com a presença de poucas pessoas em determinados períodos do dia. No entanto, enquanto espaço



“vazio”, torna-se perigoso e uma ameaça de violência, visto que significam a praia como ambiente heteronormativo e impróprio para a demonstração de afetos. Ainda assim, continua sendo um espaço bastante usado, sobretudo por aqueles que necessitam encontrar-se sem levantar suspeitas para a família, já que frequentar a praia é uma atividade que faz parte da rotina de alguns participantes.

A praia é porque assim, eu não posso trazer ninguém aqui em casa e nem sempre eu quero ir pra casa da pessoa. Então, eu acho que a praia é um lugar normal, porque, como eu vou direto com minhas amigas, e meio que já cotidiano, acaba se tornando normal. Não causa estranheza (Entrevistado 5, 18 anos, preto, Estudante).

Os espaços privados da cidade para socializar, tais como bares, boates, festas e *shoppings* estão relacionados ao lazer/divertimento. Apesar de o *shopping* ser um dos espaços mais utilizados para encontrar-se com outros gays e socializar com outras pessoas LGBTQIA+, contraditoriamente esse é visto como ambiente desconfortável, cisheteronormativo, inapropriado para permanecer e para trocas homoafetivas. Compreendem que a organização do *shopping* privilegia a circulação veloz e objetiva dos corpos, havendo pouca abertura para permanência naquele espaço, a não ser a permanência mediada pelo consumo. No entanto, alguns dos atrativos evidenciados nas entrevistas têm a ver com sensação de segurança nesses espaços – ou seja, compreendem ser baixa a probabilidade de sofrerem agressões estando nesses lugares, bem como potencialmente receberiam o apoio de outras pessoas presentes no local.

Geralmente o shopping que a gente vai, é protegido por seguranças. E os bares que a gente frequenta são de públicos LGBT. Por isso, eu me sinto mais protegido. É 100 por cento? Não. Mas, essas coisas podem acontecer até na nossa casa, alguém pode ver que a gente é e invadir e fazer alguma coisa comigo. Existe gente pra tudo, infelizmente. Mas, apesar de tudo, a segurança que eu tenho nesse shopping e nesse bar vai ser maior do que se eu tiver numa praia, que não tem fiscalização, ou apoio, ou algo do tipo (Entrevistado 2, 20 anos, pardo, desempregado).

Contudo, o principal elemento que dá ânimo aos encontros gays na/com a cidade – sejam eles nos espaços públicos ou privados – é o uso coletivo dos espaços da cidade pela comunidade LGBTQIA+. São essas apropriações da comunidade LGBTQIA+ que conferem aos espaços urbanos o maior grau de apoio, segurança, pertencimento e geram maior potência de enfrentamento às opressões sociais. É na comunidade e nos espaços de convivência que se constroem na cidade que se deflagram processos de subjetivação em torno do autoconhecimento, da autoafirmação/autoidentificação enquanto homens gays afeminados. Também são nesses espaços ocupados pela comunidade em que há o maior grau de abertura às performances afeminadas. Por esse motivo, os entrevistados relatam nunca ir só ou permanecer só nos espaços da cidade, sobretudo pelo receio de sofrerem violências e julgamentos.



Sobre essa questão do transitar por espaços, essa tensão que você citou é muito existente. Eu quando estou com pessoas próximas, eu me sinto mais à vontade, com Isaac, com amigos e etc. Quando não tô, eu me sinto mais acanhado e com mais medo. Mas eu penso que se a gente quer alguma transformação, a gente tem que fazer acontecer o movimento. Então, eu não posso ficar partindo do pressuposto de que eu tenho que me esconder ou que tenho que respeitar a opinião de quem me desrespeita. Então, eu tento sempre não me esconder tanto, mas também não chamar tanta atenção, justamente por causa do medo. Por isso, eu digo que costuma ter um atrito aí, entre se sentir livre e ter medo. É o que eu sinto (Entrevistado 6, 20 anos, pardo, estudante).

Ainda assim, esses espaços comunitários não se desvencilham completamente da heteronormatividade, nem conseguem escapar da reprodução de exclusões e opressões com base nos marcadores sociais da diferença – aspectos esses que podem também advir da própria comunidade e, principalmente, de outros gays. Nas entrevistas, os marcadores sociais que emergiram foram: idade, escolaridade, renda, raça, afeminação e biotipo corporal (gordo). Em termos geracionais, a predileção por homens mais velhos se associa à facilitação dos encontros, visto que há expectativa de que gays mais velhos possuam melhor situação financeira e recursos, tais como casa e carro. Associa-se a gays com mais idade, maior experiência e maturidade na relação. No entanto, essa predileção é apontada apenas para “lances casuais”. Relacionamentos de longo prazo são preferíveis com pessoas com idade próxima ou mais jovens, o que se justifica pela aprovação familiar, bem como à semelhança de repertórios quanto ao estilo de vida e à perspectiva de futuro. Essa prioridade pela semelhança de repertório também foi associada às variáveis escolaridade e renda, esta última associando-se a não ser “bancado” sempre – visto que, como mencionado anteriormente, ainda não trabalham/possuem renda.

No que se refere à raça, os relatos dos entrevistados negros apontam, por um lado, para a solidão do gay negro e afeminado – duplamente alvo de recusa; por outro lado, opera a fetichização/erotização e objetificação dos corpos gays negros hipermasculinizados. Observam que há uma hierarquia entre o gay negro hipersexualizado e masculinizado e o gay negro afeminado, conferindo menor prestígio a este último. Relataram que “palmitar” é uma realidade frequente entre gays negros afeminados – ou seja, nesse caso, o privilégio nas escolhas relacionais direciona-se ao gay discreto e branco. Desconstruir ambas situações – de desvalorização da afeminação e de valorização da raça/cor branca – tem a ver com um longo processo de autoidentificação, de se reconhecerem enquanto gays negros e afeminados. A partir dessa desconstrução, conseguiram ver com maior clareza as relações de subordinação e hierarquização sexual, além de desassociarem a continuidade entre o ser afeminado e se colocar como “passivo”, abrindo outras possibilidades de posicionamento nas relações homossexuais.

Todavia, mostra-se um processo inacabado e em andamento, visto que a

passabilidade nas relações homossexuais continua sendo uma forte moeda nas trocas relacionais, sobretudo no ambiente virtual – dos aplicativos de encontro e de relacionamento. Enquanto atributo desejável, a passabilidade ainda é agenciada pelos participantes, quando pretendem se tornar mais atraentes e serem aceitos/notados por outros caras. A vergonha e insegurança permanecem, pois, coladas à imagem da afeminação, aspectos esses que se introjetam nos modos de subjetivação desses sujeitos.

Sociabilidade, cidade e os marcadores da diferença: exclusão ou exclusividade?

Em relação ao Conjunto I, apresentado na síntese dos resultados quantitativos (Tabela 1), estudos apontam que há uma intersecção entre classe, cor e performances sexuais nas sociabilidades gays, visto que grande parte dos gays que se associam mais fortemente à heteronormatividade ocupam uma classe média/média alta, são brancos e relacionam o poder aquisitivo a uma maior tolerância, informação e “cultura” (PUCCINELLI, 2014; RIBEIRO, 2015; REIS, 2017). A possibilidade de acesso aos espaços de sociabilidade desses sujeitos se associa fortemente à uma determinada classe social capaz de ostentar determinados modos e espaços de lazer, ou seja, cujo acesso depende de certo padrão pessoal de consumo (NEIVA, 2014). Nesse padrão de sociabilidade, não é incomum encontrar instituídos discursos como “quanto mais afeminados, mais pobres e escuros” (PUCCINELLI, 2014, p. 115).

A apropriação de espaços privados por gays mais velhos e com melhores condições econômicas é mediada pelo consumo, fruição e cosmopolitismo, os quais instituem modos, estilos de vida e lugares para se conectar em rede (GALLAS; REIS, 2017). Aproveitando-se dessa “cultura gay”, nota-se o crescimento dos estabelecimentos comerciais de lazer preferencialmente destinados a um público gay ou *gay-friendly* (PUCCINELLI, 2011; FRANÇA, 2012), que fortalece circuitos voltados ao consumo, mas que deixa de fora a grande maioria do público pertencente aos estratos sociais menos abastados e, portanto, incapazes de acessar e ostentar essa possibilidade de lazer (NEIVA, 2014).

Como afirmam Gallas e Reis (2017), para muitos gays, o desenvolvimento profissional e ascensão de classe social são indícios de superação pessoal. Em tal ascensão, as sociabilidades se concretizam por meio de uma sistemática regulação simbólica das características dos membros que compõem a rede. Alguns dos aspectos que marcam esse círculo socialmente mais favorecido são o compartilhamento do repertório cultural (gostos e metas individuais), a segurança (de manutenção da privacidade e privatividade) e os sinais de pertença, que vão desde os estilos de roupas usadas às performances de corpo (GALLAS; REIS, 2017). Nosso estudo corrobora com isso, afirmando que gays menos privilegiados também tecem suas redes de acordo com a semelhança de repertórios, privilegiando encontros com outros gays dentro de sua realidade social.

Aos gays discretos, “não dar pinta” e “se dar ao respeito” organizam os modos de se comportar e de interagir na cidade, expondo um cálculo meticuloso pensado com vistas a não borrar esses padrões que hierarquizam e

diferenciam a experiência gay (REIS, 2017). É a partir disso que podemos compreender a menor circulação dos participantes não-afeminados na cidade para socializar e a predileção por espaços reservados, desse modo, imprimem às noções de “segurança” e “medo” um novo sentido – não tanto o receio de serem alvos de violência como nos afeminados, mas sobretudo o de serem julgados, sofrerem estigma e serem forçados a “sair do armário”. Por meio desses sentidos, podemos compreender os circuitos restritos e altamente controlados que gays “discretos” privilegiam para socializar com outros gays.

Sousa (2015) refere que ser identificado como gay por pessoas heterossexuais normalmente gera estigma, inferiorização, discriminação e, por esse motivo, muitos homens gays tendem a esconder sua homossexualidade. Desse modo, qualquer traço corporal ou comportamental que potencialmente os aproxime das performances afeminadas, ou mesmo o envolvimento com afeminados, tende a ser evitado, visto que esses são mais facilmente identificáveis enquanto gays.

A relação entre espacialidade e homonormatividade se dá na medida em que, por um lado, determinados espaços favorecem a libertação para seus frequentadores no que tange à sexualidade mas, por outro lado, cumprem o papel de confinar em um lugar específico práticas e comportamentos que não são bem aceitos fora dele (RIBEIRO, 2016). Ser mais ou menos afeminado mostra ser capaz de delimitar fronteiras na cidade – ainda que movediças – de acordo com as performances e comportamentos ritualizados nas sociabilidades gays, de modo que a homonormatividade impõe o afastamento das performances afeminadas, consideradas incômodas, chamativas, exageradas, apelativas e produtoras de constrangimentos e julgamentos (PUCCINELLI, 2011; NEIVA, 2014; REIS, 2017; SOUSA, 2015).

Essa conjunção entre classe e sexualidade faz com que espaços de sociabilidade na cidade se tornem alvos de profunda estigmatização (PUCCINELLI, 2011; PUCCINELLI; REIS, 2020; RIBEIRO, 2015; SOUSA, 2015). Ou seja, determinados espaços da cidade interditam acessos a quem não se encaixa, sobretudo quando se é gay afeminado, visto que essa performance

[...] eclipsa outros marcadores, fazendo com que estes orbitem em torno da generificação mais feminina. “Ser mais pobre, menos desejável, é ser afeminado. Ser mais negro, menos desejável, é ser afeminado. Ser de um bairro distante, menos desejável, é ser afeminado. Estar num bar ao lado, mas conter tais marcadores, é estar na periferia (PUCCINELLI, 2014, p. 117).

Quanto ao Conjunto II (Tabela 1) e aos dados qualitativos, por sua vez, alguns aspectos evidenciados pela literatura sobre a mobilidade urbana de pessoas gays foram a limitação de dinheiro ou companhia, indisponibilidade de transporte público, o constrangimento dos/das jovens ao deslocarem-se para partes da cidade consideradas “nobres” ou de maior poder aquisitivo, as motivações para as interações afetivo-sexuais (paquera, busca de sexo, etc.) ou convívio com a rede de amigos (MONTEIRO *et al.*, 2010). Ou seja, a escolha sobre qual espaço da cidade usar para socializar se associa à condição socioeconômica, visto que, para muitos, a impossibilidade financeira de pagar

a entrada em um estabelecimento privado mostra-se um fator limitante, mesmo que a um preço mais acessível, desse modo, ser jovem associou-se a preferir os lugares frequentados por pessoas do mesmo “nível social”, onde se sentiriam mais bem recebidos e aceitos (RIBEIRO, 2016).

Por vezes, os espaços públicos são os únicos espaços acessíveis a gays marginalizados: lugares em que confluem discursos e fluxos polissêmicos (PUCCINELLI, 2011), os quais comumente se transformam em iniquidades aos sujeitos desviantes da heteronormatividade. Essa produção de hierarquias e a transformação das diferenças em desigualdades levam à degradação da experiência urbana, com base nas alteridades entre os sujeitos (SOUSA, 2015). Ainda assim, tais espaços públicos podem funcionar como a materialização de uma grande fraternidade e de experiência de acolhimento, espaços que podem encontrar uma totalidade acolhedora da experiência gay (RIBEIRO, 2015; 2016), sobretudo quando se vivencia experiências não acolhedoras em seus lares/família consanguínea, e quando constroem laços outros de pertencimento com a comunidade LGBTQIA+, como ficou evidenciado nos dados qualitativos de nossa pesquisa.

Em relação aos espaços privados, os gays mais jovens e mais pobres combinam preferências, consomem bens e montam seus estilos, o que nem sempre significa dispêndio financeiro, haja vista seu menor poder aquisitivo (MONTEIRO *et al.*, 2010). Sentem-se, portanto, “livres nesses espaços para dançar, comprar bebida barata, mostrar o celular que não era de última geração, enfim, não havia uma preocupação exagerada sobre a imagem e com os comentários de terceiros” (REIS, 2017, p. 41). Especialmente aos gays afeminados, o desprendimento, a habilidade com a dança e o destaque por exibir um estilo singular produzem um momento de prestígio, o que faz com que eles consigam alguma centralidade nesses espaços de sociabilidade (SOUSA, 2015). Desse modo, percebe-se que para gays negros, pobres, periféricos, afeminados e jovens, mais do que o consumo "NO" lugar, importa o consumo "DO" lugar, como já sinalizara França (2012).

Todavia, persiste a discriminação em espaços sociais como, por exemplo, dentro da família, no bairro onde moram, na escola, no trabalho, junto à instituição policial, tornando frequentes os relatos de violência física e psíquica em razão de serem homossexuais (RIBEIRO, 2016). Isso mostra que os efeitos da “matriz de inteligibilidade heterossexual”, da heteronormatividade, da homonormatividade e da heterossexualidade compulsória – interseccionados à marcadores raça, classe social e performances sexuais nas sociabilidades gays – não representam uma novidade nos estudos sobre sexualidade e gênero. Contudo, os resultados de nosso estudo demonstram que, apesar de serem sistematicamente denunciados, tais mecanismos continuam funcionando como dispositivos de controle e regulação sobre as vidas dos sujeitos gays e, por esse motivo, exigem a continuidade da denúncia e do trabalho de desconstrução dessas estruturas e processos.

Em relação à família, sabe-se que a maior aceitação de suas homossexualidades acontece fora de casa, uma vez que “a todo momento o nome da família está em jogo e sua reputação pode ser ‘manchada’ dada a descoberta de se ter um filho ‘boiola’, ‘fresco’, ‘baitola’, ‘viado’, ‘bicha’, através da fofoca e do escândalo (da vizinhança)” (REIS, 2017, p. 42).

Portanto, há a procura de outros espaços da cidade, sobretudo em outros bairros, diferentes de onde moram, com o intuito de libertarem-se da discriminação sofrida no bairro de residência, no local de trabalho, na escola ou até mesmo no seio familiar, distanciamento que contribui para a autoaceitação da própria homossexualidade (RIBEIRO, 2016).

Em termos raciais, os estudos indicam que essas questões se encontram com as questões de classe: o índice de mortes violentas é maior entre a juventude negra – ação policial, que vê nos jovens negros uma ameaça em potencial (RIBEIRO, 2016). Portanto, o ser negro, independentemente de ser gay afeminado ou não, carrega a marca do que é ser periférico e, portanto, socialmente e policialmente caracterizado como mais perigoso (PUCCINELLI, 2014).

Já sobre a afeminação, essa ainda se associa ao posicionamento sexual – enquanto objeto sexual unicamente com o propósito de ser penetrado, e não enquanto pessoa com direito a um relacionamento (SOUSA, 2015). Sentidos também se constroem acerca da associação entre pele escura, masculinidade e virilidade, em contraposição à feminilidade, pela clara e passividade (MONTEIRO *et al.*, 2010). Não se enquadrar nesse perfil, como refere Reis (2017), os fazem subverter o termo “bicha”, assumindo assim um compromisso ético-político em publicizar suas identidades homossexuais, sem se curvarem ao medo de sofrerem violências – autoafirmação que produz movimentos de resistência ao circularem pela cidade, o que também se encontrou nos dados qualitativos, mas que contrasta com o medo dos vazios na cidade e sensação de vulnerabilidade.

Portanto, no que concerne à sensação de medo ao circular pela cidade, a noção de “vazio urbano” encontrada em nosso estudo emerge como um potente analisador da experiência urbana homossexual. Aqui, “vazio urbano” não se refere à simples ausência de construções em um determinado espaço, mas sobretudo à escassez de usos e de circulação de pessoas em determinado lugar, sobretudo de pessoas da própria comunidade LGBTQIA+ ou de pessoas que as apoiem. Esse entendimento dialoga com Santos (2014) e sua compreensão da cidade como espaço apropriado, constituída por elementos fixos e fluxos. Os vazios urbanos, nessa linha de pensamento, consistem em fenômenos urbanos possíveis de serem observados em qualquer cidade, os quais surrupiam dos espaços públicos o direito às apropriações coletivas e individuais (SOUZA, 2019b). Esvaziamento esse que, para pessoas gays, tem a ver com a maior iminência de sofrer violência e assalto, induzindo ao medo constante (OLIVEIRA, 2013).

As forças policiais e de segurança – que, em tese, deveriam favorecer a sensação de segurança – endossam ainda mais o receio de encontrar-se e circular pela cidade, sobretudo aos gays negros, pobres e afeminados. Barroco (2022) considera que, no atual contexto contemporâneo brasileiro neoconservador e neofascista, projeta-se a vontade de controle sobre as questões sexuais: machismo, intolerância com as mulheres e com a homossexualidade. Nesse *métier* sociopolítico, a autoridade policial é uma das principais forças que se incute dessa vigilância (e violência) pela conformidade ou não dessa ordem moralizante, de reafirmação de uma sociedade machista, classista, racista e sexista. Os relatos dos participantes de nossa pesquisa

confirmam que a “politização da polícia”, como coloca Barroco (2022, p. 19), é um fator de preocupação para homens gays, que temem se tornar vítimas de um governo avesso à diversidade sexual e de gênero. Em nossa pesquisa, isso fica evidente quando esses agentes vigilantes assumem a função de verdadeiros panópticos quando gays e a comunidade LGBTQIA+ decidem encontrar-se nos espaços públicos da cidade.

A coletividade foi encontrada em nossa pesquisa como um dos principais aspectos que conferem segurança à experiência urbana de homens gays: “os territórios gays eram redutos de refúgio e segurança para pessoas LGBTQIA+ que, em seus domínios territoriais, podiam experimentar uma liberdade despregada de preconceito e uma contracultura que instigava uma esperançosa maneira socioespacial aceitável” (VALLE *et al.*, 2021, p. 3452). A coletividade surge, então, como possibilidade de revolução, de transformação, mas, ao mesmo tempo, como uma ameaça, visto que numa sociedade e cidade concebidas a partir da lógica individualista, capitalista, heterossexista e homofóbica, não há negociação possível: se oprime e se afasta o que se mostra diferente, o mais rápido possível, para que não se efetive (FULGENCIO, 2020).

Considerações finais

Nesse estudo, destacamos que as sociabilidades gays consistem em uma experiência interseccional, na medida em que diferentes marcadores sociais organizam a experiência urbana desses sujeitos, implicando em barreiras na circulação pela cidade para gays afeminados, pobres, negros, periféricos e jovens. Para estes, o grau de vulnerabilidade nos deslocamentos e de acessibilidade aos locais de encontro foram alguns fatores equacionados nos encontros pela cidade. Os dados qualitativos endossam que ser gay afeminado, jovem, negro e pobre o faz vivenciar a cidade de forma mais negativa e temerosa, sobretudo quando decide encontrar-se nos espaços públicos da cidade, onde se sente mais vulnerável, alvo de violências e de agressões. Portanto, o grau de mobilização política instituída em determinado espaço, o manejo da passabilidade, a sensação de “vazio” nos espaços e a apropriação coletiva da cidade pela comunidade LGBTQIA+ são alguns dos principais elementos que reverberam na experiência urbana de homens gays afeminados.

Assim, esse artigo reforça alguns argumentos centrais sobre o tema da experiência urbana gay: em primeiro lugar, corrobora com a assertiva de que as experiências urbanas gays não são homogêneas entre a comunidade gay, razão pela qual tais experiências urbanas devem ser lidas pela lente da interseccionalidade e dos marcadores sociais da diferença, movimento indispensável para que se compreendam as nuances provocadas pelas desigualdades sociais, econômicas e raciais, para esse recorte das minorias sexuais. Em segundo lugar, enfatiza que a performance afeminada funciona como vetor de vulnerabilização da experiência urbana gay, mesmo em espaços de circulação da comunidade gay – essa ainda fortemente atravessada pela homonormatividade nas relações sexuais e afetivas; e, em terceiro lugar, destaca que na cidade se encontram instituídos mecanismos e racionalidades, os quais sedimentam e mantêm a gestão da precarização e da reprodução da

desigualdade nos diversos territórios das cidades (SANDRI, 2021), processos que se aplicam aos sujeitos dessa pesquisa por meio da vigilância e da violência policial; através do olhar e expressões de julgamento das pessoas; pelas ameaças e agressões verbais; e pela tutela familiar, a qual se difunde para os espaços da cidade, por meio da necessidade frequente de esconderem suas vivências sexuais e pelo medo constante de serem descobertos.

Referências

BARROCO, M. L. S. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, n. 143, p. 12-21, jan. 2022.

BELARMINO, V. H.; DIMENSTEIN, M. D. B. Experiência Urbana Gay na Cidade: uma Revisão Sistemática. **Revista Subjetividades**, v. 21, n. 3, p. e11461, jan. 2022.

BROSIN, D.; TOKARSKI, M. L. Do gênero à norma: contribuições de Judith Butler para a filosofia política feminista. **Revista Gênero**, v. 18, n. 1, p. 98-118, set. 2017.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, L. Ataques recentes às perspectivas das interseccionalidades. **Periódicus**, v. 17, n. 2, p. 51-62, jan. 2022.

CRENSHAW, K. W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

FRANÇA, I. L. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2012.

FULGENCIO, E. O. **Mobilizações coletivas de Campo Grande, RJ, do direito à cidade à utopia anticapitalista global**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ.

GALLAS, A.; REIS, P. Inclusão e exclusão: Etnografia das redes de sociabilidades gays e lésbicas em Teresina. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 8, n. 2, p. 416-433, out. 2017.

HANKE, W. **Espaço, interseccionalidades e vivência cotidiana gay na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

MARTINS, E.; TONELI, M. J. F.; BEIRAS, A. Derivas analítico-metodológicas da homossexualidade: uma revisão integrativa da literatura especializada no Brasil. **Saúde & Transformação Social**, v. 7, n. 3, p. 147-165, set. 2016.

- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 21, p. 150-182, jun. 2009.
- MONTEIRO, S. *et al.* Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cadernos Pagu**, n. 35, p. 79-109, dez. 2010.
- NEIVA, G. “É gay ou é hetero?” – Notas etnográficas sobre performatividade nas sociabilidades alternativas. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), v. 23, n. 23, p. 125-139, set. 2014.
- NOGUEIRA, F. F. V. **De quem são os lugares na cidade?** Entendendo trajetórias gays em Campos dos Goytacazes – RJ. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes - RJ.
- OLIVEIRA, J. M. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de “consolação”. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 68-78, maio 2013.
- OLIVEIRA, T. L.; NASCIMENTO, S. S. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 19, p. 44-66, abr. 2015.
- POCAHY, F.; CARPENEDO, M. No rastro do prazer: problematizando práticas sexuais, sociabilidades e violências. **deSignis**, v. 19, p. 121-132, jun. 2012.
- PUCCINELLI, B. Territórios Sexuais: Análise de Sociabilidades Homossexuais no Shopping Gay de São Paulo. **Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero**, v. 2, n. 1, p. 133-140, jan. 2011.
- PUCCINELLI, B. Na esquina do Bar d’A Lôca: produção de sexualidades no cruzamento com a produção da cidade de São Paulo. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), v. 23, n. 23, p. 109-124, set. 2014.
- PUCCINELLI, B.; REIS, R. P. “Periferias” móveis: (homo)sexualidades, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 58, e205806, ago. 2020.
- REIS, R. “É preciso ser bem visto, não manchar a reputação, se dar o respeito”: dos regimes de visibilidade nas trajetórias de homens homossexuais. **Revista Ártemis**, 23(1), p. 38-54, ago. 2017.
- RIBEIRO, A. F. O Beco dos Artistas e o estigma: intersecções de gênero, sexualidade, raça e classe social. **Illuminuras**, v. 16, n. 37, p. 317-337, set. 2015.
- RIBEIRO, A. F. Espaço e sociabilidades: entre o beco e o gueto. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, 24, p. 130-156, dez. 2016.
- RIOS, L. F. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. 465-475, abr. 2008.



SANDRI, S. Corpo e espaço na cidade contemporânea. In: SILVEIRA, F.; ROSÁRIO, N. M. (Org.), **Corpo, comunicação e espaço: arranjos performativos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 16-32.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, L. A. V.; DUARTE, F. M.; NETTO, G. R. A. Sociabilidades “positivas” em rede: narrativas de jovens em torno do HIV/Aids e suas tensões cotidianas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 2, p. 335-355, jan. 2017.

SOUSA, J. W. L. **O efeminado e os outros: diferenças e discriminações em espaços de sociabilidade LGBT de Teresina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 71, n. 2, p. 51-67, mai. 2019a.

SOUZA, C. L. **Análise de vazios urbanos no centro da cidade de Ituiutaba/MG**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2019b.

TOLEDO, L. H.; SOUZA, R. A. P. Sociabilidade pandêmica? O que uma Antropologia urbana pode dizer a respeito da crise deflagrada pela COVID-19. *Cadernos de Campo* (São Paulo – 1991), v. 29, p. 53-64, set. 2020.

VALLE, R. M. D.; PAGNAN, R.; GALHARDO, L.; VILLAC, M. I. Profanação territorial: a promiscuidade identitária das práticas sexuais viris nos guetos gays em São Paulo e Bruxelas. In: IRINEU, B. A. *et al.* (Org.), **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências**. Campina Grande: Realize editora, 2021. p. 3447-3463.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Victor Hugo Belarmino: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Magda Dimenstein: Conceituação, Análise Formal, Supervisão, Escrita (revisão e edição).

Jáder Ferreira Leite: Análise Formal, Supervisão, Escrita (revisão e edição).

Recebido em 06 de setembro de 2022.

Aceito em 18 de novembro de 2022.

Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein, Jáder Ferreira Leite

